

Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

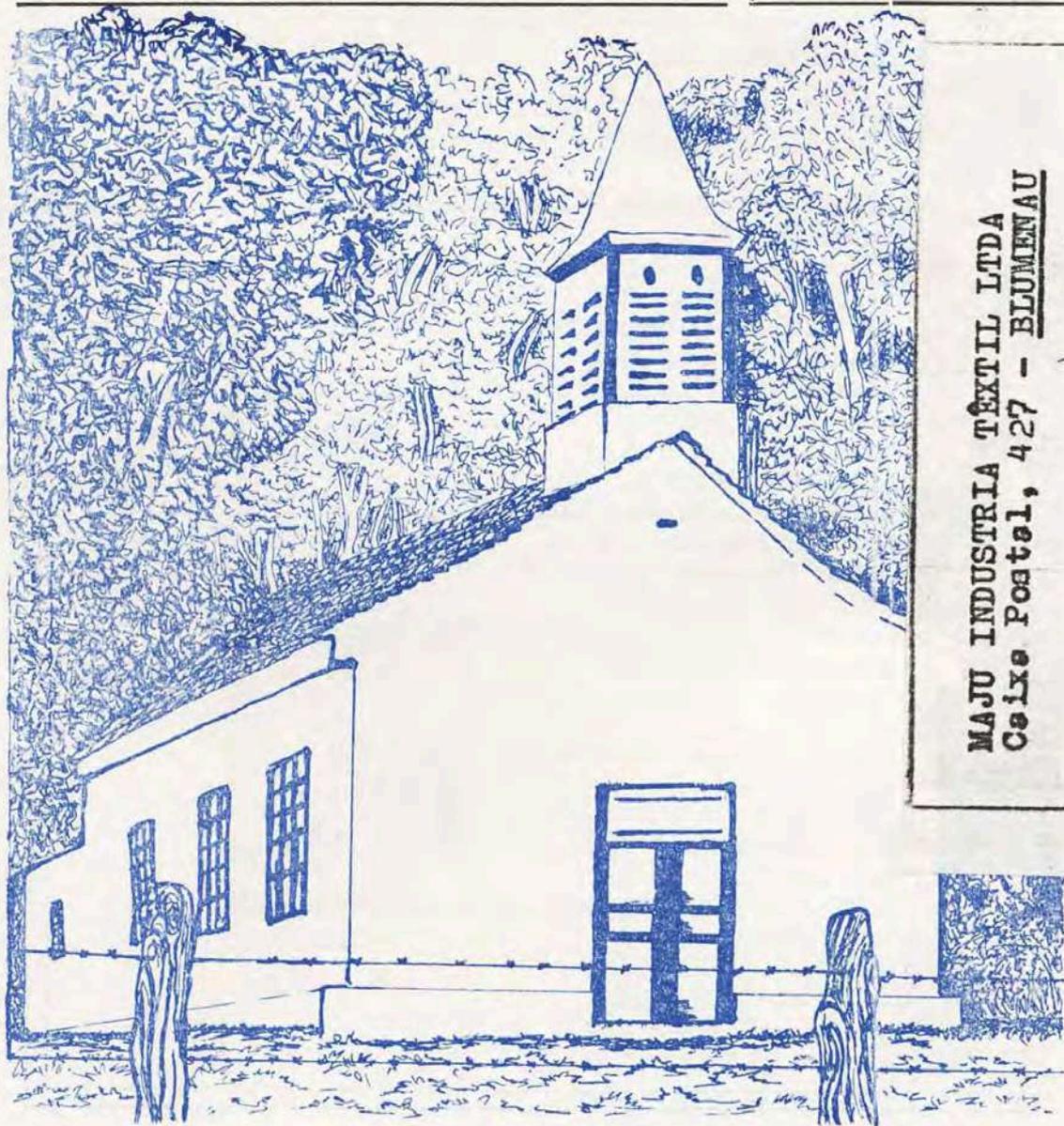
Abril de 1992

Nº. 4

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



MAJU INDUSTRIA TÊXTIL LTDA
Caixa Postal, 427 - BLUMENAU

J. Leal

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livreria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Abril de 1992

Nº. 4

SUMÁRIO

Página

A Fundação de Joinville / Adolfo Bernardo Schneider	98
Os bons tempos do «Pão-Por-Deus» e do «Pasquim» / J. Gonçalves	102
Subsídios Históricos / Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff ..	103
Biblioteca recebe doações	105
Autores Catarinenses / Enéas Athanázio	106
Cartas — Reminiscências históricas — Os leitores opinam	108
Reminiscências de Acurra / Atilio Zonta	111
Histórias, Fatos e Comentários / W. J. Wandall	114
Você acha que devemos mudar? / Aiga Barreto Mueller-Hering	118
Figura do Presente - Frei Feliciano (Fr. Bombom) / Pe. A. F. Bohn	119
Caboré / Hermes Justino Patrianova	121
Aconteceu - Fevereiro de 1992	122
Wochenpost / Alfredo Wilhelm	123
Conhecendo a nossa história / P. Dr. Henrique Krause	125
3a. Adenda a Família Arzão	126

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 — Atrasado Cr\$ 1.500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 35.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

A Fundação de Joinville

Adolfo Bernardo SCHNEIDER

Estamos relembando, este ano de 1992, pela centésima quadragésima primeira vez o dia, em que oficialmente foi fundada Joinville. Um fato de nenhuma forma corriqueiro, por resultou de uma série de outros fatos ocorridos na época neste nosso mundo ocidental.

Desde que as diversas nações colonialistas do século XVI e seguintes haviam descoberto e ocupado, de Sul a Norte, as Américas, estas nações, Espanha, Portugal, Inglaterra, Holanda e França, passaram a manter estas suas chamadas "colônias" trancadas a sete chaves. Estas suas possessões nas Américas eram consideradas, como se fossem quintais ou pomares ou coisa semelhante e cada nação arvorava para si a exclusividade da exploração dessas terras, que "Dei gratia" haviam caído em seu regaço.

Esta fase inicial ficou interrompida em 1776, quando as 13 colônias inglesas, que formaram o embrião dos atuais Estados Unidos, declararam a sua independência. Esta atitude pioneira dos norte-americanos teve o efeito de um estopim, que eclodiu poucos anos depois em Minas Gerais, mas que foi abafado em 21 de abril de 1792 com o enforcamento do nosso querido Tiradentes.

Mas as colônias espanholas também foram atingidas pelo mesmo estopim, levando o Uruguay em 1811 e no mesmo ano também o Paraguay a declararem a sua independência, seguindo-se em 1816 a Argentina. Embora existissem também no

Brasil tendências republicanas, eclodindo em diversos pontos do País, em 1816 ainda aconteceu a fusão dos reinos de Portugal, Algarve e Brasil, sob a denominação comum de Reino Unido.

Dom João VI, que veio em 1808 para o Brasil, aqui permanecendo até 1821, encontrou um Brasil mais africano do que português. O Brasil era mais um apêndice da África do que de Portugal. Para um branco e/ou "caiado" havia cinco pretos e/ou mulatos. Dom João VI passou a namorar, mesmo de longe, os compatriotas de sua nora; a princesa Dona Leopoldina e, sendo informado da torrente de emigrantes alemães, que anualmente se dirigiam em direção aos Estados Unidos, baixou em 1820 um Decreto-Real, CONVIDANDO OFICIALMENTE OS POVOS ALEMÃES A VIREM POVOAR O BRASIL.

Mas este Decreto-Real quase só ficou conhecido no Brasil. Em 1822, mas ainda um mez antes do Brado do Ipiranga, José Bonifácio, Ministro de Dom Pedro I, despachou para os países alemães um emissário especial, também pessoa de confiança de Dona Leopoldina, o Major Schaeffer, com a missão de angariar soldados alemães, que quizessem servir no Brasil e também famílias de colonos. Foi assim que se iniciou o alvejamento do povo brasileiro, sonho de Dom João VI, de Dom Pedro I e também dos políticos da época, com José Bonifácio à frente.

Mas, os alemães preferiam os Estados Unidos. É conhecida aos historiadores a estatística, que no século passado saíram pelos dois portos principais alemães, Hamburgo e Bremen, 10 milhões de emigrantes para os Estados Unidos, mas que desde 1850 até 1950 entraram no Brasil apenas 235.000 imigrantes alemães.

Foi em 1846, que o Governo Brasileiro voltou ao ataque. Ainda sempre continuava a importação do braço escravo, mais que 100.000 escravos por ano, só pelo porto do Rio de Janeiro, o que significa cerca de 300 escravos por dia eram oferecidos no Mercado de Escravos do Rio de Janeiro e geralmente também eram vendi-

dos. Era preciso opor um dique contra essa africanização crescente do Brasil.

Dom Pedro II, em 1846, havia atingido a maioria efetiva. Foi o ano, em que tiveram início dois projetos muito importantes para o futuro da Nação Brasileira: o imperador exigiu, que fossem tomadas providências, objetivando a proibição da importação do braço escravo, visando, em segundo plano a liberação desse mesmo braço escravo. A proibição da importação do braço escravo foi conseguida em 1850, com a Lei Euzébio de Queirós. Outra providência exigida pelo jovem imperador, então com 21 anos, foi a retomada da colonização do Sul do Brasil pelos povos da Europa Central, com vistas principalmente para os alemães. E para este efeito foi encaminhada a Berlim uma Comissão chefiada pelo político bahiano o Visconde de Abrantes (Miguel Calmon du Pin e Almeida), que foi diretamente à casa do convidado repetir pessoalmente o convite já feito em 1820 por Dom João VI, em 1822 por Dom Pedro I e José Bonifácio: **faziam questão, era dos alemães.**

Assim, em 1846 foi fundada Petrópolis, no mesmo ano veio para o Brasil, em sua primeira viagem de pesquisas o Dr. Hermann Blumenau que viajava com as despesas pagas por um grupo de comerciantes atacadistas importadores e de armadores de navios sediados em Hamburgo, mas que em 1848 encetaria rumos próprios, fundando a sua própria colônia particular no Vale do Rio Itajaí.

Neste ponto entra na História da Fundação de Joinville a princesa Dona Francisca e seu esposo o Príncipe de Joinville e as terras dotais, que esse ilustre casal havia recebido como remate para o seu dote nupcial, do Governo Brasileiro, obedecendo a uma lei, que existia desde 1840.

A Europa, no século passado, passou por uma profunda transformação. Alguns países, a Inglaterra, a França, a Alemanha, tomaram a deanteira. Com a industrialização desses países, surgiram uma série de problemas, para cuja solução esses

países não estavam de nenhuma forma preparados. Seja lembrado aqui, que foi apenas na década dos oitenta do século passado, que foi criado pelo chanceler alemão **Bismarck o primeiro Código Trabalhista**, fixando direitos e deveres do operário. E somente na última década do século passado o **Papa Leão XIII (1878-1903)** tratou em sua **Encíclica Rerum Novarum** das relações entre patrões e empregados, fixando diretrizes cristãs.

A industrialização de alguns países, somada aos problemas criados pela explosão demográfica dos países europeus, entre os quais cabe salientar a escassez crescente de alimentos, desencadeou uma migração jamais vista no mundo ocidental, sendo que justamente as Américas foram os países mais preferidos por essas massas humanas, que, **segundo o sociólogo pernambucano Josué de Castro**, atingiu, no decorrer do século passado, incluindo o tráfico escravagista, **cem milhões de pessoas.**

Tendo o Dr. Blumenau em 1848, por razões, que aqui não podemos analisar especialmente, resolvido denunciar sua ligação com os hamburgueses, estes contudo não desistiram dos seus planos, de fundar no Sul do Brasil uma colônia agrícola, para onde desviar uma parcela a maior possível desse caudal imenso, que cada ano se dirigiam para os Estados Unidos. Empório comercial dos mais importantes na Europa, cidade livre e hanseática, por conseguinte república independente nos moldes de Veneza, com economia e por conseguinte moeda própria, interessada, desde 1827, quando assinaram um Tratado de Comércio e Navegação com o Governo de Dom Pedro I, as nossas relações comerciais com Hamburgo, estavam justamente em 1846 enfrentando grave crise: as estatísticas informavam, que o porto de Hamburgo havia importado no ano anterior 16 milhões de marcos de produtos brasileiros, tais como açúcar, café, etc., mas que o comércio importador brasileiro havia comprado em Hamburgo mercadorias no valor de apenas

4 milhões. Fora justamente esta disparidade nas relações comerciais entre os dois países um dos motivos principais do despacho para o Brasil do Dr. Blumenau.

1848 não foi somente o ano em que o Dr. Blumenau resolveu se desligar daquele grupo de comerciantes hamburgueses. Em fevereiro de 1848 também aconteceu em Paris a grande revolução, que obrigou o Rei Luís Felipe, pai do Príncipe de Joinville, a se refugiar na Inglaterra. Uma revolução, que se espalhou pela Europa, com levantes populares sangrentos em Berlim (Prússia), em Dresden (Saxônia), Viena (Áustria) e mais outras capitais. Com isto foi criado um clima mais favorável para negociações entre o citado grupo hamburguês e o casal de Príncipes de Joinville, também refugiados em Londres, negociações, que haviam abortado em 1845. Em fevereiro de 1849 seguiu para Hamburgo uma pessoa de confiança do Príncipe, o engenheiro Louis François Leonce Aubé. Este, levando consigo a concordância do casal de príncipes com a cessão de parte das suas terras dotais, que possuíam no Nordeste de Santa Catarina, assinou em maio do mesmo ano um Contrato de Cessão sobre cerca de 10 das 25 léguas quadradas de terras, que aqui possuíam, nos fundos do Município de São Francisco do Sul, na época escassamente povoado.

Este contrato de muitas páginas, além de entregar ao grupo hamburguês, encabeçado na época pelo senador hamburguês, Cristiano Matias Schroeder, de mão beijada essa quase 10 léguas quadradas de terras (o local, onde hoje está a cidade de Joinville), obrigou os hamburgueses a um grande número de providências, que incluíam, além do desbravamento de uma região coberta de mata virgem, a povoar estas terras com agricultores alemães, fundar uma cidade, construir igrejas, escolas, hospital, pontes e estradas de penetração para o Interior, inclusive Serra acima, conceder facilidades de crédito aos colonos, contratar padre e pastor, além de médico e farmacêutico, enfim, montar aqui,

na época uma perfeita selva verde, infestada de mosquitos, borrachudos e de índios agressivos, a infra-estrutura de uma cidade, habitada por gente ordeira e ativa, capaz de transferir para esta região do Brasil uma parcela, por pequena que fosse, da Civilização e da Cultura germânicas, o trabalho livre, a iniciativa privada, enfim, um polo de progresso e de bem-estar.

Os primeiros habitantes desta nova colônia, que passou a se chamar "Dona Francisca", chegaram a 22 de maio de 1850, data, que o falecido historiador Carlos Ficker queria, que seja declarada data da Fundação de Joinville. Além do engenheiro militar prussiano Hermann Guenther, contratado pela Sociedade Hamburguesa de Colonização, para a escolha do local da Sede da Colônia, iniciar o desmatamento e construir os ranchos necessários, para abrigar as levas de povoadores, que pelo contrato, passariam a chegar em seguida, vieram naquela viagem, do Rio de Janeiro a São Francisco e de lá para esta Colônia, mais os casais Peter Schneider e Ewert von Knorring, este sueco e aquele alemão.

O primeiro grande grupo de povoadores propriamente ditos porém vieram apenas **em começos de março de 1851**, tendo dado entrada a barca "COLÓN" no porto de São Francisco a 6 de março. 118 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, originários de diversos países da Europa Central, a Suíça, Oldenburgo, Turíngia, além de um grupo de 74 noruegueses, todos do sexo masculino e que, embora destinados inicialmente para a Califórnia, resolveram, no Rio de Janeiro, vir também "colonizar as terras dos Príncipes de Joinville".

Terminado o desembarque no dia 9 e acomodados — bem ou mal — os que haviam chegado, dia 10 o representante do Príncipe de Joinville, Monsieur Aubé, mandou abater uma rez e houve um almoço de confraternização. E aconteceu, o que antigamente muitas vezes haveria de acontecer novamente: os diversos grupos étnicos, cada qual passou a entoar a sua

"Canção de Despedida", muito em voga naquela fase da nossa História. Os alemães cantaram "Então adeus, meu querido torrão natal!". Os suíços, formando maioria, a sua canção predileta: "Da minha montanha eu terei que partir!". E os noruegueses não fizeram por menos: cantaram também a sua "Canção de Despedida da Terra natal" especialmente composta para esta viagem pelo poeta Christian Monsene que inicia:

"A ti, minha terra amada, a estes céus, onde cintilam as estrelas, a estes vales cobertos de flores e onde, desde a primeira madrugada, gorgejam os pequenos cantores alados, devo dar o meu adeus!"

Também os visitantes brasileiros, que haviam vindo de São Francisco, como não podiam cantar também uma "Canção de Despedida", contribuíram com um espetáculo sui gêneris: **apresentaram um fandango**, confirmando assim o caráter de **Joinville**, como **uma fundação cosmopolita**, que foi desde o primeiro dia e continuou sendo pelo tempo afora: estavam presentes representantes de diversos países alemães (Prússia, Oldenburgo, Turíngia), da Suíça (principalmente do Cantão de Schaffhausen), da França, da Suécia, além de brasileiros de São Francisco do Sul e residentes nas redondezas, que vieram ver o que estava acontecendo nesta baixada do Rio Cachoeira e ainda, a simples lógica impõe, além de diversos escravos dos Senhores d'Engenho de Assucar e de Mandioca das redondezas, além de um escravo liberto, o Diogo, que o médico Dr. Hans Koestlin havia trazido do Rio de Ja-

neiro. E estavam presentes ainda os comandantes e grande parte das respectivas tripulações, da barca "COLÓN" (noruegueses) e do iate "PENHA" (brasileiros, em parte escravos), que haviam trazido os noruegueses do Rio de Janeiro, em viagem de três dias.

JOINVILLE: uma fundação cosmopolita, que haveria de mudar por completo a história do Nordeste e mesmo por inteiro do Estado de Santa Catarina.

Uma filha autêntica de uma época conturbada da História do Mundo Ocidental: a abertura das Américas, que iniciou em 1776, os convites amorosos pronunciados várias vezes pelo Governo Brasileiro, o clima sub-tropical, que prometia duas ou mais safras por ano, as terras sem fim, oferecidas a preço baixo. E do outro lado do Oceano, agindo como forças de expulsão, a industrialização galopante, criando problemas de caráter social nunca antes conhecidos, a explosão demográfica, a mecanização da lavoura, deixando sem serviço muitos artesões e também lavradores, d'aí resultando escassez de alimentos e por cima, um certo cansaço de guerras e revoluções. **Eles queriam viver e trabalhar em paz**, nesta clareira aberta nesta mata-virgem sub-tropical, **"começar tudo de novo"**, como escreveu o Dr. Blumenau em 1848 aos seus pais, **montar um mundo diferente, longe desse "tobuwabohú", que a industrialização havia imposto ao Mundo Ocidental.**

141 anos após esse Dia "D", Joinville continua um aglomerado de gente de todas as procedências, de gente, que já conquistaram a posição de "prima inter pares" e disposta a manter esta posição.

OS BONS TEMPOS DO "PÃO-POR-DEUS" E DO "PASQUIM"

O meu caríssimo amigo e colega-companheiro de luta tão grata quão agradável em defesa do resguardo perene das manifestações históricas e folclóricas deste nosso Brasil, Doralécio Soares, tão bem classificado, na expressão de Jabes Garcia de APAIXONADO PELO FOLCLORE, acaba de nos brindar com mais um número de sua grande obra — Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Dentre os diversificados assunto enfocados no atual Boletim, deparo-me com uma das muitas características que marcaram, na senda de tradições trazidas pelos portugueses-açorianos, com uma que conservo até hoje em minha lembrança: O "Pão-por-Deus".

Residia, eu quando ainda bem jovem, a partir dos sete anos de idade, próximo à desembocadura do ribeirão do Ilse, região que, quando nasci, pertencia ao município de Blumenau e que hoje pertence a Indaial. Naquela lugar encontravam-se, em sua maioria, moradores descendentes de alemães, embora, em minoria, residissem, nos arredores, algumas famílias descendentes de açorianos, como a família Mateus, a minha família — meu pai descendente de beigas e minha mãe de açorianos — a família Vanzuita, descendente de belgas — Van Zuit no original — mas mesclada com portugueses açorianos. Nos mais, a grande maioria, era descendente de alemães, como era o caso dos Prust, dos Hesing, dos Krause, dos Maas, dos Decker, dos Hossmann, dos Loppnow e outros. Já naqueles tempos, por volta de 1927, quando minha memória ainda me conduz a década de 1920, lembro-me de que circulava, com mais frequência entre os descendentes de portugueses, o sempre lembrado "Pão-por-Deus"; através do qual, os jovens declaravam seu amor às suas amadas e vice-versa. Mas não se pedia apenas a correspondência de um amor, como também outros objetos. Na obra de Doralécio Soares, a edição à qual nos referimos aqui, encontramos quatro modelos de "Pão-por-Deus". Um que manifesta amor, diz: "Se os Anjos do Céu Soubessem. A Graça dos Olhos Teus, Desceriam aqui na Palhoça. Para pedir o "pão-por-Deus". Um outro nada amoroso mais ambicioso, diz: Lá vai meu coração — Pela porta da cozinha — Pedindo um pão-por-Deus — Nem que seja uma porquinha.

Tenho ainda em memória, o conhecimento de um Pão-por-Deus que apareceu naquela região do Ilse, enviado por um descendente de açoriano para minha irmã de nome Virginia e no qual seu admirador dizia: "Aqui tens meu coração — Acompanhado de uma flor — Vem pedir no Pão-por-Deus — A esmola do teu amor.

Mas não só de Pão-por-Deus divertiam-se os antigos moradores daquela região do Ilse. Aconteciam também outras coisas extraordinárias, trazidas pelos imigrantes açorianos e que envolviam não só os descendentes de alemães como também os de italianos. É que, já naquela década de 20 a 30, existiam muitas famílias mescladas com o casamento de brasileiro-açoriano com descendentes de alemães e italianos. E, assim, os mesmos iam formando uma comunidade abra-

sileirada, incorporando também os costumes e tradições mais fortes vindos dos portugueses no que concerne a estas manifestações folclóricas, inclusive a formação dos saudosos “ternos de reis”, compostos pelo boi-mamão, pela bernunça, pelo Barão, pelo cavalinho, pau-de-fita, etc...

No entanto, um dos aspectos mais interessantes daqueles costumes, estava no aparecimento, com frequência, dos afamados “Pasquins” — que eram denominados, na época, de “pisquim». Esses pequenos periódicos, apareciam pregados em árvores ou de outra forma, onde pudessem ser mais facilmente encontrados por diversas pessoas. Até nas paredes da escola local, eram afixados. Estes “mexeriqueiros” traziam denúncias contundentes contra atitudes pouco recomendáveis de moças e rapazes do lugar não escapando, também, vez por outra, um mexerico de uma senhora casada ou do senhor casado. Eram declarações que deixavam os moradores do lugar apavorados, cada um procurando logo decifrar os escritos para ver se haviam sido apanhados pelo malicioso “redator” da terrível obra. Depois de conhecidos os dizeres do “pisquim», começavam as investigações para descobrir-se o autor das ofensas. Faziam-se conjeturas sobre este ou aquele nome, mas, em geral, nunca se soube certamente quem o autor ou autores do “pasquim», que, de tempos em tempos — dois ou três meses, “circulava” na região, abrangendo, muitas vezes, não só a região do Ilse, mas também alcançando toda a região de Diamante, cuja comunidade também era composta por italianos e lusos-brasileiros.

Enfim, os pedidos de “pão-por-Deus» e a circulação do “pisquim”. como era chamado, traziam àquelas comunidades assuntos para comentários e divertimento em geral, já que, naquela época, não existia nem rádio para ouvir-se e, assim, os acontecimentos importantes, circulavam de boca em boca, alcançando diversas localidades da região do médio Vale do Itajaí.

José Gonçalves

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Notícia de 23 de Abril de 1870:

Excerto do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Colônia Blumenau. — Do nosso correspondente: Março de 1870. — Infelizmente devo começar o meu noticiário relatando um acontecimento dos mais sinistros: Friedrich Brunkow, um dos colonos alemães oriundos da Pomerânia, colonizadores de quatro léguas ao longo do Rio Testo, na manhã do dia 16 do corrente estava reunido com a família para o café da manhã, quando o cão latiu furiosamente e ao mesmo tempo a filhinha de sete anos, entrou gritando:

"Os Bugres!" No mesmo instante, a casa se encheu de indígenas e algumas flechas atingiram mortalmente o colono Brunkow. A mulher tentou fugir, sendo morta por uma flecha no coração e estava caída de bruços diante da casa, quando os vizinhos acorreram, enquanto o colono se achava acororado num canto da cozinha, também já morto, de cabeça retalhada. O filho mais velho, de nove anos, foi agarrado por um dos monstros, e carregado para o mato, enquanto as duas outras crianças, a menina e um rapazinho de três anos, escaparam ilesos, fugindo para a casa de um vizinho. Todos os objetos da casa, como ferramentas, roupas de cama, e vestimentas, foram carregados, assim como a casa do colono Ziebell, morador na margem direita do Rio Testó, também foi completamente saqueada. O colono não se encontrava em casa e os outros membros da família felizmente conseguiram escapar pela fuga.

Quando o vizinho mais próximo da Família Brunkow, o colono Karl Hoffman chegou, o bando já tinha desaparecido na mata, exceto um deles, mas que também já se achava tão distante, que o tiro desfechado pelo vizinho não o alcançou.

Depois de refeitos do primeiro susto, vários colonos se reuniram para uma batida, mas somente encontraram as roupas, que os índios haviam perdido na fuga e as penas despejadas dos travesseiros, além das roupas do infeliz rapaz, que os monstros lhe haviam despedido. O número de selvícolas, que abandonaram no local grande quantidade de flechas, não pode ser estabelecido com exatidão, mas não deve ultrapassar 12 ou 15 indivíduos, embora os vizinhos tenham falado em 30 atacantes. Provavelmente eram componentes da tribo domiciliada entre Blumenau e Dona Francisca, tribo esta que tem atacado várias casas de colonos, poupando, no entanto até agora a nossa Colônia.

Os dois órfãos, cujas roupas também foram roubadas, se encontram acolhidos na casa do colono Hoffman. O acontecimento foi comunicado ao Governo da Província, acompanhado de um pedido de ajuda necessária para a educação das crianças. Realizou-se uma coleta para auxiliar a família do colono saqueado, Ziebell.

As medidas preventivas para evitar tais ataques são publicadas pela Direção da Colônia, em toda a região, e afixadas nas portas das igrejas. Como já havia passado a época habitual dos assaltos por parte dos índios e nunca houve semelhante assalto no Rio do Testó, as medidas de segurança talvez tenham sido esquecidas pelos colonos, tanto é que o colono Brunkow não possuía sequer uma arma de fogo. Compreende-se a preocupação geral reinante na região, mas esperamos que tais fatos sejam evitados para o futuro, por meio de constante vigilância.

N. E. Neste momento chega-nos a notícia de que o menino raptado, August Brunkow, foi encontrado morto na floresta, com vários ferimentos. Presume-se que o menino tenha gritado por socorro e, para não serem descobertos, os indígenas o mataram.

A Propósito: O que há com a estrada de ligação entre Blumenau e Dona Francisca? Aqui todos são de opinião que, se existisse a tal estrada, o assalto não teria acontecido.

Biblioteca recebe doações

As doações no 1º. trimestre deste ano para a Biblioteca P.M. «Dr. Fritz Müller» foram muito significativas, pois vieram enriquecer ainda mais o nosso acervo. Abaixo relacionamos as pessoas que fizeram as doações e a quantidade doada.

JANEIRO

Agílio R. de Lima (35 volumes)
Gabinete do Prefeito da PMB (34 volumes)
Jane Cristina Casas (18 volumes)
Kurt Arno Krause (80 volumes)
Wilson Ganzert (15 volumes)
Neuza Clasen (69 volumes)
Linhas Corrente (1 volume - 19 exemplares)
Edmundo Giraldo Arnoldi (224 volumes)

FEVEREIRO

Ilda dos Santos Gelhardt (52 volumes mais brinquedos para o cantinho infantil)
Lisle Scussell (52 volumes)
Juan Carlos Padevils (1 volume)
Ademir Rencaveski (2 volumes)
Orli Anderle (41 volumes)
Marcos Adriano Corrêa (1 volume)
Odilon Carlos Correa da Silva (4 volumes)
Departamento de Cultura (38 volumes)
Roberto José de Oliveira (42 volumes)
Maria Célia O. Bernardes (137 volumes)
Marili Fischer (5 volumes)
Victor Gelhardt (11 volumes)
AHJFS (5 volumes)

Plauto Nercy C. Mendes (102 volumes)
Wilson Luís Seberino (21 volumes)

MARÇO

Cristina Ferreira (5 volumes)
Paulo Rubens de Moraes Leme (107 volumes)
SP Comércio e Exportação de Equipamentos, Publicidade e Tecnologia (2 volumes)
Adélia Elke Werner (23 volumes)
Marili Fischer (7 volumes)
Helmuth Leyendebecker (2 volumes)
Saly De Marchi (25 volumes)
AHJFS (1 volume)
Edmundo Giraldo Arnoldi (10 volumes)
Silvia Karbeck (60 volumes)
Dirceu Carneiro (5 volumes)
Ivone Fonseca (11 volumes)
Emília Miranda (11 volumes)
Editora Nova Cultural (4 volumes)
Nádia Scussell (33 volumes)
Edgar Arruda Filho (41 volumes)
Evaldo Trierweiller (409 volumes)
Ivo Scharf (107 volumes)
Victoria de Gal (10 volumes)
Doador não identificado (80 volumes)

Essas doações perfazem um total de 1.669 volumes no trimestre, sem contar as doações de revistas, que fizeram outro tanto.

Agradecemos a todos que estão nos ajudando com estas doações e gostaríamos de solicitar que outras pessoas também as fizessem, pois «existem inúmeras viagens nas páginas de um livro».

Marili Fischer

Chefe da Divisão de Biblioteca

O POETA E A JUSTIÇA DOS POBRES

Só mesmo a um poeta, também jurista, ocorreria especializar-se num tema árido e nada lucrativo como a assistência judiciária gratuita. Esse capítulo tão mal tratado de nossas letras jurídicas estabelece os princípios legais para a defesa dos hipossuficientes, isto é, dos pobres, perante o Poder Judiciário, o que indica desde logo o desinteresse que o assunto desperta. Mas foi exatamente o que fez ARTEMIO ZANON, meu colega de Ministério Público, advogado e professor na cidade de Lages. Alheio aos aspectos econômicos e movido pelo ideal de justiça para todos, ele se debruçou por longo tempo sobre essa matéria e procurou esmiuçá-la da forma mais completa até hoje realizada para ajudar os desassistidos na luta por seus parcos direitos.

Como primeiro resultado de seus estudos, surgiu o livro "Assistência Judiciária Gratuita", publicado pela Editora Saraiva, em 1985. Saudado como obra pioneira e de relevante importância teórico-prática, o livro desde logo conquistou lugar de destaque, esgotando-se em pouco tempo, e conferindo ao seu autor consagrado prestígio nos meios jurídicos. Não satisfeito, porém, com esse sucesso, o autor continuou aprofundando a matéria, publicando mais tarde novo e alentado volume sobre ela, absorvendo as alterações constitucionais e legislativas posteriores, além de enriquecê-la com novas idéias, pesquisas na doutrina, na jurisprudência e no dia-a-dia forense. Com o título "Da Assistência Jurídica Integral e Gratuita», também editado pela Saraiva, o livro esgotou o assunto e será daqui para a frente um marco incontornável. Começa fazendo um breve e curioso histórico da advocacia, dá uma visão do benefício da gratuidade no mundo e no Brasil, estuda-o em face da Constituição de 1988 e dos novos diplomas supervenientes, comenta longamente a Lei n.º 1.060, de 5 de fevereiro de 1950, o principal diploma sobre o tema, com todas suas alterações, artigo por artigo, relacionando a jurisprudência respectiva, em suas várias fases históricas, e a bibliografia, revelando completo domínio sobre a matéria, incluindo no estrangeiro e na história. Reúne, por fim, em amplo apêndice, os mais variados dispositivos legais correlacionados. Trata-se, como se vê, de uma monografia indispensável para os profissionais do Direito e que revela, ao mesmo tempo, um homem preocupado com a sorte daqueles que nunca são lembrados, coisa cada vez mais rara.

As lides jurídicas, no entanto, não esmoreceram o poeta. Sempre ativo e inspirado, ZANON acaba de publicar o volume "O Menino da Infância aos Quarenta" (Edição do Autor — 1991), no qual reúne um punhado de suas mais expressivas poesias.

“JUNDIÁ”

Foi uma surpresa para mim a leitura desse livro, já em segunda edição, de autoria de Lauro Lara, antigo jornalista que agora estria na ficção. Pela característica unitária do texto, classifico-o como uma pequena novela, onde o diálogo é frequente e a busca da palavra certa lembra a preocupação com o “mot just” dos autores franceses. Endoença Martins, um dos tantos críticos do livro, nominou-o de “insólito”, expressando bem as ocorrências inesperadas e as atitudes invulgares que nele ocorrem. Mas é também um texto ecológico e nele o inconformismo diante da destruição do meio ambiente não se contém e explode com veemência. Com esse livro o autor se integra à ficção, revelando criatividade e desenvoltura para escrever. Ele produzirá, sem dúvida, outros trabalhos de leitura cativante como este.

ENSAIO

José Alberto Barbosa, incansável investigador de nossa história e toponímia, tem estudado com afinco alguns temas complexos e áridos, buscando com rara paciência explicações exatas e comprovadas. Num de seus mais exaustivos trabalhos, publicado em suplemento do jornal “Correio do Povo”, de Jaraguá do Sul (14/07/89), ele desenvolveu o tema “Referências e Tecrias Sobre o Nome Itapocu», examinando e discutindo tudo que lhe diz respeito e concluindo por apresentar suas próprias explicações. É um trabalho muito sério e fundamentado, merecedor da atenção dos interessados e até mesmo das páginas de um livro ou periódico que o colocasse diante de maior número de leitores. Barbosa é autor de muitos outros trabalhos, publicados em revistas especializadas, inclusive de natureza jurídica, e poeta com participação em várias antologias.

EVENTOS

A Academia Catarinense de Letras promoveu sessão comemorativa do centenário de nascimento de Othon D’Eça, Altino Flores e Barreiros Filho, todos eles figuras da maior expressão na vida cultural e literária do Estado. ■ O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina promoveu sessão comemorativa do centenário de nascimento do Prof. Luiz Sanches Bezerra da Trindade, realizado no auditório do Palácio Cruz e Sousa. ■ Domus Galeria de Arte, de São Paulo, promoveu a exposição “Contra a Farra do Boi”, em defesa dos animais maltratados em alguns lugares de nosso Estado durante a Semana Santa. Foram expostos trabalhos dos artistas plásticos Alex Cerveny, Ivonaldo, Paulo Sayeg e outros. ■ O conhecido crítico e escritor Henrique L. Alves foi eleito presidente da União Brasileira de Escritores — UBE/SP. Pelo seu dinamismo e dedicação às causas que abraça, é lícito esperar o início de brilhante fase para a instituição, redobrando inclusive a atenção para com os sócios de outros Estados. ■ O escritor catarinense Adolfo Boss Júnior, apesar da serie-

dade de sua obra, do prestígio desfrutado no país e dos prêmios recebidos, não tem merecido o destaque que lhe é devido em nosso Estado. Discreto e recolhido, como autêntico escritor, ele próprio não contribui muito para a evidência mas não deverá ser isso motivo para silenciar sobre sua obra. Está na hora de trazê-la para as páginas dos jornais, incentivando seu debate e sua leitura.

CARTAS

Reminiscências históricas

“S. Paulo, 30 de Março de 1992.

A

Redação

Blumenau em Cadernos

Fundação “Casa Dr. Blumenau»

BLUMENAU

Sr. Redator

De posse da “Blumenau em Cadernos” n.º. 2 de Fevereiro p. p., impressionou-me sobremaneira o artigo — Um Luso-brasileiro em Blumenau — A Guerra. Parabênizo o Sr. Ruy Moreira da Costa pela imparcialidade com que tratou do assunto revivendo toda uma época. Tomo a liberdade de empregar, às vezes, as mesmas expressões, tamanha a semelhança com certos fatos vividos por mim:

Meus pais — ambos já falecidos — eram nascidos em Blumenau, motivo pelo qual me interesse por tudo que diz respeito a essa bela cidade.

Naquela manhã de 1º de setembro de 1939, em Sorocaba, interior de S. Paulo, meu pai, como sempre o fazia, veio almoçar em casa, mas nunca ligara o rádio em ondas curtas àquela hora do dia, a tentativa de sintonizar a Europa fôra em vão, o que não aconteceu à noite quando vários amigos (alemães natos) apareceram em casa para ouvir as notícias que viriam mudar tanto a vida de tanta gente. Era o início da Segunda Guerra Mundial. Muitas vezes eu ouvia acirradas discussões entre meu pai e os alemães, sem saber do porquê; mais tarde vim a saber que meu pai sempre fôra contra as eventuais pretensões hitleristas na Europa.

Por volta de 1941/42 mudamos de Sorocaba para o Rio de Janeiro. Foi aí que sentimos mais diretamente os efeitos da guerra. Bastava ser loiro para ser tachado pejorativamente de alemão; felizmente nossa aparência não era típica de descendentes. A cada navio mercante brasileiro torpedeado, grupo de pessoas saíam em passeata para apedrejar casas onde morassem alemães. Minha mãe amedrontada, achou melhor não conversar mais em alemão apesar de que ao falar português confessava involuntariamente ser nascida em Blumenau ... Para evitar maiores problemas, todos os livros e discos em língua alemã foram devidamente escondidos. Na escola,

devido ao sobrenome, eu era obrigado a ouvir as xingações, tais como quinta coluna, nazista, etc. Eu era então uma criança de 10 anos, levado pela propaganda, no rádio, jornais e até nas revistas infantis, contra os alemães em geral; cheguei a ter vergonha de minha descendência. Como consequência perdi o uso da língua alemã. Em 1944, em visita a Blumenau, por ocasião das Bodas de Prata de meus tios, fui chamado de "caboclo" porque não me expressava em alemão. Anos mais tarde, entrei novamente em contato com o idioma ao casar-me com uma filha de alemães e ao frequentar entidades germânicas de S. Paulo.

E, foi numa dessas entidades, na Soc. Filarmônica Lyra que assistimos a uma apresentação de uma cantora, com as mesmas características, a mesma voz grave, a mesma sensibilidade da inesquecível Lale Andersen, interpretando LILI MARLEEN ... As pessoas presentes aplaudiram, de pé, não só por aquele magnífico número musical mas também pela emoção que invadiu a todos e pela saudade daquela fase incerta e não tão dourada de suas vidas.

Atenciosamente
CARLOS LETZOW
Rua Adelino Alves, 157
CEP 64710 — S. Paulo — S.P.

Os leitores opinam

"A
Editoria de
BLUMENAU EM CADERNOS
Fundação Casa Dr. Blumenau

Nesta

A revista/documento "Blumenau em Cadernos" não pode mudar. Nem no aspecto, nem na forma, nem no seu conteúdo.

O tempo — como ele é — é o maior testemunho do acerto da publicação e me tem como prova.

Porque quando jovem achava a publicação uma "carentice"

Hoje — na meia idade — acho o "Blumenau em Cadernos" um documento mensal do nosso passado, que vive/revive as coisas e fatos da nossa gente.

E mais: quem hoje acha a publicação uma "carentice", possivelmente — como eu — achará amanhã que a mesma é um verdadeiro resgate da nossa história.

Por favor, não apaguem o passado.

Por favor, não permitam que no futuro a nossa gente não tenha a oportunidade de saber do passado.

Coragem. Força.

Vamos à luta.

Contem comigo. Já estou na trincheira pro que der e vier.
Blumenau, 31 de março/92.

"Horácio A. Braun"

“Joinville, 7 de abril de 1992.

BLUMENAU EM CADERNOS

Prezados Senhores,

Vai junto mais um artigo “Os carrinhos de mão», para publicação oportuna.

Quanto à sua consulta aos leitores, o que acham da Revista, se sugerimos alguma mudança, é difícil responder.

A “Blumenau em Cadernos” está com mais de 30 anos, criou **tradição** e isto é muito importante. Na tradição não se mexe. Por exemplo, o formato deve ficar, o número de páginas também. Eu, por exemplo, odeio revistas grossas. Antigamente eu comprava a Manchete toda semana, mas desde que aumentou a paginação, não compro mais, porque simplesmente não disponho do tempo necessário, para ler a revista.

Apesar disto, a gente coloca em discussão um e outro item. A Direção, lá em Blumenau, terá todos os direitos, para aceitar uma ou outra sugestão ou recusar todas.

1.) Quem sabe, uma página de humor recolhido entre os colonos. Eu me lembro de um autor, hoje já falecido, Alexandre Renard, que era um verdadeiro mestre neste setor. Seu livro, abarrotado desse humor bom, foi até publicado na Alemanha “Die Kuh auf dem Bast ...”. Sabendo, que a Revista colocou uma página à disposição dos “humoristas», eu creio, não faltarão colaborações.

2.) Literatura DECENTE, de historiadores, como por exemplo “DIÓGENES».

3.) Tradução, em continuações, de livros em alemão, do século passado, sobre Colonização em Santa Catarina.

4.) Convites, de vez em quando, em uma página, a última, dirigida aos historiadores, para escreverem um artigo sobre ...

5.) Aceitar colaborações em alemão, desde que logo em seguida for trazida para o vernáculo. Isto se refere também a poesias. Existem, em almanaques antigos alemães, poesias muito bonitas, logo com a respectiva tradução. Depende tudo de pesquisas: neste assunto, os alunos já mais adiantados do ICBA (Instituto Cultural Brasil-Alemanha) certamente vão colaborar. Deverão ser convidados.

6.) Nunca mais publicaram ilustrações. Por que? Diversas vezes eu mandei fotolito, mas que não foram publicados... Uma ilustração valoriza um trabalho (e tb. a Revista).

Toda sugestão para mudar, é uma crítica. No caso da revista Blumenau em Cadernos, para que mudar? Ela está boa. As sugestões acima representam apenas mais algumas folhas na árvore já copada.

Um abraço do amigo
Adolfo B. Schneider

N. do Editor: Ilustrações se tornaram difíceis face ao elevado preço do “clichê”, sistema usual na tipografia. Esta revista depende de doações para circular, razão pela qual é-nos impossível ilustrá-la com os trabalhos dos colaboradores. Apenas quando estes se dispõem a contribuir com o valor do “cliche», é que se torna possível a ilustração.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATILIO ZONTA

Eleição do 2º. Conselheiro Municipal * Criação do Distrito Administrativo de Ascurra * Paulo Zimmermann, Reeleito para a Oitava Superintendência de Blumenau * Nomeado a primeira e principal rua de Ascurra * Luiz Isolani 1º. Intendente Distrital de Acurra * Associazione Vêneta Di Ascurra.

Em outubro de 1919, realizaram-se em todo o território de Blumenau as eleições municipais para, Superintendente e Conselheiros. O ex-professor Luiz Isolani influenciado pela população de Ascurra e pelos correligionários que elegeram Pedro Bonetti para o quadriênio, janeiro de 1915 a janeiro de 1919, bem como, com o apoio indiscutível do Padre Ângelo Alberti, diretor das missões salesianas em Santa Catarina com sede em Ascurra, concorreu como candidato ao Conselho Municipal. Homem calmo, sereno, de educação esmerada, de apreciável cultura, angariou a simpatia da população local. Fôra um movimento de ordem geral dos colonos, impulsionado pelo desejo de ver guindado ao Poder Legislativo de Blumenau, o seu candidato, o ex-professor e possível sucessor de Bonetti. Isolani, tinha forte ascendência sobre seus correligionários e amigos que elegeram seu antecessor, mas principalmente, sobre os demais candidatos que com ele concorreram nessa eleição e que lograram vitória. O pleito decorreu num clima de absoluta calma e harmonia, e todas as colônias

festejaram a vitória de seus candidatos preferidos.

O agrimensor Paulo Zimmermann fôra reeleito para a oitava Superintendência. Os eleitos tomaram posse em janeiro de 1919 perante a Justiça Eleitoral, na sala de reuniões dos Conselheiros municipais. O eleitorado manifestou o desejo de reconduzir à Chefia do Executivo, Zimmermann, afim de que pudesse concluir as missões que lhe foram atribuídas no término de seu primeiro mandato, justa aspiração dos de Ascurra, dos demais povoados e, sobretudo, de todos os blumenauenses. Zimmermann, em sua campanha eleitoral prometeu dar prioridade às obras em vias de serem ultimadas e às reivindicações dos Conselheiros, dentre as quais, as de Isolani. O primeiro projeto de lei que cria o distrito administrativo de Ascurra, elaborado e apresentado pelo Conselheiro Luiz Isolani, à apreciação dos demais membros que compunham o Legislativo Municipal, antes de ser submetido à discussão e consequente aprovação do plenário, que fôra unânime e sob palmas, vários oradores, além do autor do proje-

to, se pronunciaram em abono da tese defendida pelo representante ascurrense. Após a sanção do Poder Executivo, levou o nº. 120, datado de 14 de abril de 1919. O novo Distrito Administrativo de Ascurra ficou subordinado administrativamente a Blumenau, cuja instalação ocorreu a 12 de outubro de 1919, sendo então, o 8º. da Circunscrição Judiciária da Comarca de Blumenau. A sua criação e instalação trouxeram grande euforia à população, bem como, um prenúncio de grandes benefícios à comunidade. Houve festa e missa solene no dia em que foi instalado, presente o celebrante e benfeitor espiritual Padre Ângelo Alberti, coadjuvado pelo Pe. Estanislau Banitz que então exercia o vicariato na Paróquia de Santo Ambrósio, Padre José Pastorino, ex-vigário, Alceste Bettini o novo Juiz de Paz, por todas as demais autoridades e assistida também por um sem número de paroqueanos.

Cinco obras foram consideradas prioritárias, já iniciadas e em fase de execução durante a gestão do Conselheiro Bonetti, e concluídas no período legislativo de seu sucessor Luiz Isolani, quais as seguintes: a ponte de tijolos construída em arcos sobre o Ribeirão São Paulo, próximo à igreja matriz Santo Ambrósio; abertura e alargamento do caminho que dá acesso a Guaricanas, transpondo a serra do Saltinho; a construção também de tijolos e em arco, sustentada por pilares, sobre o Ribeirão Guaricanas, e a abertura da estrada em demanda da Serra do Selin que faz divisa com o município de Ibirama. As duas pontes, ainda existentes, são consideradas obras de arte por todos quantos têm a oportunidade de vê-las. Para alegria de

todos os colonos residentes ao longo desses caminhos, viam-se então, transitarem pela primeira vez os carros de bois, os quais, rinchavam um estridente e monótono soído que, em realidade, para muitos tinha mais uma expressão de vitória que propriamente um sentido material, entretanto, para a maioria vislumbrando um sentido esperançoso bem próximo e expectativa de melhores oportunidades. Bueiros e outras pontes de menor porte foram construídas afim de evitar que os transeuntes continuassem a passar os ribeirões e córregos a vau, e para facilitar de vez, o trânsito desses veículos primitivos e, principalmente, ter a população acesso aos lotes coloniais mais afastados. Instalado, portanto, o novo distrito de Ascurra, o Presidente da Província homenageou a memória do grande político, e que seu nome figure entre os vultos de nosso passado, o benfeitor Benjamin Constant, dando seu nome à primeira e principal rua da sede da povoação.

Benjamin Constant Botelho de Margarida foi professor e principal instigador do movimento militar que proclamou a república; um dos membros do Governo Provisório; exerceu os cargos de Ministro da Guerra, Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos; Professor da 2ª. Cadeira de Geografia e de História do Colégio Pedro I; Oficial do Exército e Diretor Tesoureiro e Professor do Instituto Nacional dos Meninos Cegos, Professor da Escola Militar e Professor de Antologia. Nasceu Benjamin Constant em Niterói em 1833 e faleceu em 1891 com 58 anos de idade. Seu nome ficará gravado para sempre na memória de todos os ascurrenses.

Luiz Isolani, autor e defensor

do projeto que criou o Distrito Administrativo de Ascurra, foi nomeado o 1º. Intendente Distrital, por indicação do Padre Ângelo Alberti e demais chefes políticos do distrito, bem como, de Stéfano Lanznaster, Juiz de Paz, residente em Guarricanas.

— x —

ASSOCIAZIONE VENETA DI ASCURRA

É com júbilo que queremos saudar a iniciativa feliz da juventude ascurrense que busca mais uma vez, quebrar a monotonia da vida, criando «LA ASSOCIAZIONE VENETA DI ASCURRA», cujo objetivo social é preservar a cultura italiana que nossos ancestrais a disseminaram por essas localidades em fora. A entidade em destaque se coroará de êxito, pois, vemos nela, a consubstanciação de um ideal, e pela melhoria de nossa vida social, em terra fundada por italianos. Essa Associação que se inicia nessa base, deve encontrar de todos nós, o apoio por que se realize plenamente o seu programa, qual o seguinte:

- organizar viagens para o Vêneto e demais regiões da Itália;
- desenvolver pesquisas sobre imigração vêneta e italiana em nossa região;
- promover cursos de língua italiana;

- formação de grupos folclóricos e,
- incentivos à tradição.

Parabéns aos distintos jovens fundadores que compõem a primeira Diretoria, quais os seguintes:

Aldo Perci Tomio, Luiz A. Mengarda e Airton Sávio Tomio.

Diretoria auxiliar: Ivanir Testoni, Elizete F. Bona e Dirlene M. Chiarelli.

Vice Diretoria: Alexgildo J. Merini, Wilson A. Tomio e Jiancarlo Cattoni.

E como filho desta terra abençoada, quero estar sempre ligado a essa juventude, por laços consistentes de uma sincera e grande amizade. Congratulamo-nos, também, com todos quantos, direta ou indiretamente, contribuíram para tornar realidade essa ASSOCIAZIONE, cujos Estatutos e demais Atos Editados, mereceram a nossa especial atenção.

NOTA: Nos próximos números de «Blumenau em Cadernos» apresentaremos:

Atuação do Padre Ângelo Alberti; Construção do Colégio «São Paulo»; Supressão do Distrito de Ascurra após 10 anos de sua instalação; Ascurra, distrito de Indaial; Ascurra, município autônomo e, outras reminiscências da Colônia de Ascurra.

Pensamentos

- Sábio é todo aquele que sabe rir de si mesmo.
- Os problemas, por maiores que nos pareçam, podem ser superados. Lembre-se da luta entre David e o gigante Golias.
- O nascimento de uma criança é um amor que se tornou visível.
- A juventude tem sono tranquilo sobre qualquer travesseiro.

DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

(Continuação)

W. J. Wandall

Escreve José Ferreira da Silva: «povoada por colonos alienígenas, houve tempo em que a região do Vale do Itajaí era considerada um quisto racial. Os que conheciam a história da sua colonização, o caráter do seu empreendedor, a formação dos homens que vieram habitá-la e, sobretudo, os exemplos de verdadeiro e entranhado amor ao Brasil, partidos da gente blumenauense, conheciam as causas dessa anomalia. Sabiam-nas originadas do próprio descuido do governo imperial em dotar as colônias de europeus de instrumentos capazes de integrá-los, no menor prazo possível, no manejo do idioma, nos usos e nos costumes nacionais.

E se o governo imperial pouco olhou esse aspecto do problema — que iria, mais tarde, gerar aborrecimentos sem conta — o da República não foi menos descuidado nem menos imprevidente. Ambos deixaram os núcleos de colonização estrangeira crescerem entregues ao seu próprio destino, aos caprichos dos seus administradores, quando não dobrados às injunções de interesses dos países de origem dos colonos. Somente quando o problema assumiu proporções alarmantes é que os responsáveis pela integridade e segurança da Pátria começaram a pôr em prática as medidas que a prudência e o bom senso aconselham».

Assim, depois das explicações de Alwin Franz Schrader e das observações de José Ferreira da Sil-

va, voltemos à carta publicada no jornal «Gazeta de Notícias» e endereçada ao Presidente da República, Afonso Pena, a respeito do ensino em língua alemã sendo ministrado nas escolas particulares de Blumenau. Escreve o missivista:

«Não duvidamos que em 73 escolas, ensinam o idioma português, mas como este idioma é ensinado, a mensagem não menciona, mas confirma falta de professores e material didático. Entre os professores particulares em Blumenau, o senhor Superintendente não encontrará 10 que dominam mais ou menos o idioma nativo. Querendo ou não, estes senhores são obrigados a ensinar o que mesmo não sabem e que ensino assim é, muitas vezes, mais prejudicial do que nenhum. E ninguém, a bem da verdade, pode negar, o ensino da língua portuguesa no nosso município é péssimo, infelizmente, para nosso prejuízo».

Ao administrador blumenauense, dita crítica, vinda especialmente dum escritor, não precisava ser tão drástica. Mas, comenta o cronista do Vale do Itajaí: «Blumenau, pelos seus excelentes dotes físicos, intelectuais e morais dos seus colonizadores, pelo desenvolvimento que, em pouco tempo, estes puderam dar ao estabelecimento, tornado pelo seu trabalho e a sua operosidade, num dos mais importantes centros agrícolas e industriais da Província e do Estado, foi um desses núcleos esquecidos do governo». E Ferreira da Silva arre-

mata seu comentário com esta vibrante evocação:

«Um núcleo esquecido, sim, mas não divorciado da Pátria. Aqui — e os seus anais estão cheios de expressivos exemplos de civismo — sempre houve amor ao Brasil, mesmo quando os homens que desbravaram o seu território não haviam nascido sob a sombra da bandeira auriverde, por eles sempre respeitada, defendida com o próprio derramamento do seu sangue».

Mas, os administradores de Blumenau não esmoreceram ante mais aquele arroubo nacionalista. E nem por isso o «Volkspartei» deixou de reeleger seu representante, Alwin Franz Schrader, para seu segundo mandato de Superintendente Municipal de Blumenau, iniciado em 1º de janeiro de 1907. Também o programa administrativo de desenvolvimento do Vale do Itajaí, prosseguiu em sua execução, cujos efeitos vinham sendo sentidos na forma como o grande Município de Blumenau deslanchava na frente da maioria dos outros do Estado de Santa Catarina. Grandes projetos estavam, ainda, por serem desenvolvidos.

No entanto, desde a Guerra do Paraguai, vinha a povoação do Vale do Itajaí batalhando por contar com uma guarnição militar, a fim de contarem com um grupamento armado para a defesa da região. Com a Revolução de 1893 notou-se ser premente a necessidade de aquartelar-se em Blumenau com contingente militar, porquanto os homens requisitados para a Guarda Nacional desfalcaram o setor produtivo da comunidade, além de não estarem convenientemente preparados para as práticas bélicas.

Depois de uma série de nego-

ciações entre os Governos Federal, Estadual e Municipal chega ao porto de Blumenau, em 29 de abril de 1909, os integrantes do 55º Batalhão de Caçadores para cá deslocado, sob o comando do Tenente Coronel Crispim Ferreira, para aqui permanecerem como grupamento militar para atender a jurisdição relativa a todo o Vale do Itajaí. Sobre o fato o jornal local «Blumenauer Zeitung», publicou uma extensa reportagem, da qual, destacamos:

«Neste porto — escreve o jornal «Blumenauer Zeitung» — reuniram-se para receber os militares, as autoridades e uma massa de povo como raramente aqui já se havia visto e que aguardava, com intensa curiosidade e verdadeiro entusiasmo, a chegada do vapor». E o historiador do Vale do Itajaí prossegue: «um pouco depois das 8 horas da noite, o vapor «Blumenau» apontava soltando estridentes apitos, na curva do rio, abaixo do porto e, debaixo de intenso foguetório de tiros de morteiro, de vivas e hurras, atracava junto ao cais do jardim Hercílio Luz. A banda de música Werner tocou o Hino Nacional ao fim do qual a banda do batalhão, ainda a bordo, executou o Hino da Prússia.

O fato comoveu profundamente a população que viu na execução desses hinos o prenúncio de relações ainda mais cordiais e mesmo carinhosas entre a gente blumenauense e os militares que chegavam para aqui, juntos, redobramos de esforços e iniciativas no sentido do engrandecimento de Blumenau, a felicidade e glória da Pátria Brasileira. Depois de ter uma escolar saudado o Comandante Crispim Ferreira, em nome da mocidade, oferecendo-lhe um lindo ramo de rosas formou-se o corte-

jo com os soldados à frente, até o prédio da Câmara Municipal, onde o Juiz de Direito, Dr. Ayres Gama, saudou, em brilhantes palavras, o Coronel Crispim Ferreira e os seus soldados e oficiais, respondendo o comandante do batalhão em entusiástico improviso a afetuosa recepção, depois do que os soldados marcharam para o quartel provisório na «Gespensterstrasse», ou seja, na atual rua Ângelo Dias».

E o «Blumenauer Zeitung», fecha a sua reportagem com estas palavras: «pois Blumenau está transformada em sede de uma guarnição do Exército, e o memorável 29 de abril de 1909, daqui por diante estará presente nas páginas da História de Blumenau. E que Deus abençoe a nossa cidade e o nosso Município!» Mas, o 55º Batalhão de Caçadores não se manteve por muito tempo no Vale do Itajaí, para desgosto de muitos blumenauenses.

Considerando a grande extensão territorial sobre a qual encontrava-se o enorme Município de Blumenau, desde quando o Dr. Hermann Blumenau ainda dirigia a colônia, baseado em dados levan-

tados pelo Engenheiro Emil Odebrecht, uma preocupação prioritária era com as comunicações. Uma ferrovia viria trazer a solução para o problema dos transportes no Vale do Itajaí. Vários foram os entraves para a realização das obras: recursos financeiros insuficientes, mão-de-obra escassa, acidentes geográficos de proporções demasiadamente difíceis de serem vencidas, índios em constantes conflitos com os colonizadores, além de outros.

No entanto, depois de 1900, com o alastramento da colonização indo para o Ceste do Vale do Itajaí, com a implantação do núcleo colonial de Bela Aliança (atual Rio do Sul) e para o Sul, com a Companhia Colonizadora Hanseática, empreendendo a atividade de colonização no vale do rio Itajaí do Norte ou Hercílio (fundação da Colônia Hansa-Hammônia — atualmente Ibirama), tornou-se crítica a comunicação entre o centro administrativo (cidade de Blumenau) e os pontos mais evoluídos da colonização interiorana (Ibirama e Rio do Sul).

(Continua)

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI)

ANO DE 1942:

Termo 1: Missa solene em honra ao Espírito Santo, em ... 01.01. Festa em honra de São Sebastião, em 20.01.

Termo 2: Novas fitas entregues aos membros da Cruzada Eucarística.

Termo 3: Semana Santa com grande participação de fiéis.

Termo 4: Novenas e Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 5: Reunião para dis-

cussão da planta da nova matriz, em 14.05.

Termo 6: Coroação de N. Senhora na matriz, em 31.05.

Termo 7: Devoção ao S. Coração de Jesus e Festa de São Pedro, em junho.

Termo 8: 1ª. Eucaristia de 175 crianças na matriz, em julho.

Termo 9: Festa do Senhor Bom Jesus, em agosto. Determinada a construção de uma nova matriz, em 19.08.

Termo 10: Revezamento das

turmas de trabalho para o deslocamento de terra, em 22.08.

Termo 11: Congresso Eucarístico e Comunhões Gerais na matriz, em setembro.

Termo 12: Dom Daniel celebra em Gaspar suas Bodas de Prata de sacerdote, em 08.12. Em 10.12 é celebrada a última missa na velha matriz.

Termo 13: Movimento religioso de 1942: Batizados (375), casamentos (95), confissões (30.400), comunhões (30.200), las. comunhões (175), dispensas (9).

Nota: Nada consta sobre o ano de 1943.

ANO DE 1944:

Termo 1: Reprovação da planta da matriz pelo bispo diocesano e pelo provincial. Motivo: muitas colunas e exterioridades.

Termo 2: Nova planta é feita e submetida às discussões.

Termo 3: Provisões e faculdades em favor do vigário e coadjutores, em fevereiro.

Termo 4: Terço e orações em honra de São José, em março.

Termo 5: Visita de Dom Pio e aprovação da 2ª. planta da matriz numa reunião com os fabri-queiros, em abril.

Termo 6: Celebração da Semana Santa, de 21 a 24.04.

Termo 7: Novenas e Festa da Gruta, em maio. Recomeçam os serviços para a construção da nova matriz.

Termo 8: Fr. Bonifácio Kre-

chel é escolhido para chefiar a monumental construção da matriz. Em maio de 1944 são cavados os fundamentos.

Termo 9: Missa e coroação de N. Senhora em 31.05. Comunhão Geral na praça Cristo Rei.

Termo 10: Festa do Corpo de Deus com procissão, em junho.

Termo 11: Falecimento do fabricante Sr. Arnoldo Zimmermann, em julho.

Termo 12: Colocação da pedra fundamental da nova matriz, em 01.08. Bênção das pedras e pedreiros.

Termo 13: Falecimento do fabricante Sr. Alberto Spengler, em 05.08.

Termo 14: Comemoração de N. Senhora Aparecida, em setembro.

Termo 15: Dia das Missões e coleta nesta intenção, em outubro.

Termo 16: Realização de uma procissão de penitência para a capela de Gasparinho, em novembro.

Termo 17: Exposição de trabalhos manuais na escola paróquial, em dezembro.

Termo 18: Movimento religioso de 1944: Batizados (387), casamentos (88), comunhões ... (36.436), las. Comunhões (180), confissões (31 585), dispensas (4).

Termo 19: Rendas das festas anuais.

Curiosidade

Dizia a antiga lenda que aquele que penetrasse no túmulo do Faraó Tutancamon, seria amaldiçoado. De fato, dos 25 cientistas que estudaram o túmulo, 24 deles tiveram morte prematura, desastrosa e misteriosa.

VOCÊ ACHA QUE DEVEMOS M U D A R ?

Aíga Barreto Mueller-Hering

A pergunta, formulada por Blumenau em Cadernos, nº. 2, de fevereiro de 1992, me pegou de surpresa, mas respondo - basicamente - não.

Blumenau em Cadernos está INSTITUCIONALIZADA. Tem por finalidade precípua resguardar nossa memória Histórica — e não, eventualmente, se transformar em calendário de iniciativas momentosas. Tem, aliás, para registrá-las, a coluna Aconteceu. De resto, História é a «narrativa metódica de fatos notáveis ocorridos na vida dos povos...» ou ainda «conjunto de conhecimentos adquiridos através da tradição e ou por meio de documentos, relativos à evolução, ao passado da humanidade» — quem o diz é Aurélio, e quem o tem feito, dentro dos limites possíveis desta assertiva, são os nossos cadernos.

Mudar-lhes o tom, o espírito? — Impossível — Padronizar, enxugar, inovar ou redimensionar colunas e assuntos? — Temerário! de vez que colaborações importantes vêm inesperadas e difusas, formuladas por gente comum que, nos lares da aposentadoria — e até da meia-idade — resolve deitar à pena lembranças de abrangência comunitária, a exemplo do que vêm fazendo agora Rui Moreira da Costa, Knut Ewald Koster Mueller, Ana Maria Koprofsky Garcia, W. J. Wandall e Armando Luiz Medeiros, dentre outros mais. — Ou reformular diagramações, feitio e tamanho? — Melhorar, sim! sempre que possível. E passar a recolher do Arquivo — para publicações — minuta de aquisições mensais e relação progressiva de rari-

dades constantes do acervo, bem como pesquisa de fatos recidivos, ou extraordinários, ocorridos no mesmo período mensal, há 100 ou 50 anos atrás... De resto, vai tudo bem... Que de folhetos coloridos, encartes e relatórios propagandísticos de variada espécie (produzidos, diga-se! dentro das melhores técnicas de publicidade e «merchandising» contemporâneos) o mundo está cheio, e também nossos cestos de papel... porque infelizmente já não temos nem lazer: nem espaço físico para arquivamento pessoal de tanta informação de impacto.

Tradicional na impressão, mediana em tamanho (logo engiobável em livro) nossa revista é diferente — e, apesar de não atrair o favoritismo dos muito jovens, cabe certo em qualquer estante. Não apela ao visual, mas a reflexão, às evocações, à pesquisa e consulta. Bibliografia indispensável a todos que desejam conhecer os desdobramentos de nossa evolução comunitária, só deveria ser melhor — e mais diretamente — divulgada entre os membros do Corpo Docente de nossas escolas e os alunos de, pelo menos, os Cursos de Letras e de História, na FURB. isto abriria novos canais de entendimento e propiciaria, com certeza, renovados subsídios de interesse e de reminiscência comunitária.

Em tempo: Penso que se deveria avaliar também possibilidades de reedição de nosso livro do Centenário. Afinal de contas estamos a apenas 8 anos de nosso sesquicentenário, e se faz hora para complementação, reavaliações e confronto!

FREI FELICIANO (Fr. BOMBOM)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Quem não conhece na cidade de Blumenau um modesto frade franciscano, de hábito, caminhando pelas ruas do centro, distribuindo alegria e alegria contagiante? Quem não notou um frade de cabelos brancos atendendo confissões, dando conselhos, distribuindo balas, batendo fotografias ou solicitando uma carona? Este filho de São Francisco chama-se Frei Feliciano ou, para os mais achegados, carinhosamente chamado de "Frei Bombom". Este frade já faz parte de Blumenau, do seu dia-a-dia, são tantos os momentos de alegria e jovialidade que distribui que o transformam num verdadeiro homem de Deus.

Anton Maria Josef Altkamp Greshake nasceu a 14 de março de 1901 em Münster (Westfália), Alemanha. Seu pai chamava-se Anton Greshake e durante muitos anos foi o sacristão da catedral de Münster. Sua mãe, Pauline Altkamp, dedicou-se ao lar e à educação mais integral dos quatro filhos, dos quais Anton era o quarto e caçula.

Animado pelo seu padrinho de batismo, Anton dedicou-se à aprendizagem do seu instrumento musical preferido: o órgão. Gradativamente, sentindo-se vocacionado à vida religiosa, inicialmente pretendeu entrar para a Sociedade de Jesus (padres jesuítas), mas animado pelo seu confessor, ingressou no seminário de Garnstok (Bélgica), pertencente à Ordem dos Frades Menores

(franciscanos). Frei Mateus Hoepers, diretor do colégio destinado às vocações adultas necessitava de um organista, função que prontamente foi preenchida pelo jovem Anton. No seminário, estudavam os alunos vocacionados para as missões no Brasil, na Província Franciscana da Imaculada Conceição.

Depois de ter feito os estudos preparatórios e ter aprendido a língua portuguesa, chegou ao Brasil em 09.02.1927, para estudar no seminário de Rio Negro, PR. Em seguida, ingressou no Noviciado da Ordem em Rodeio, SC, onde recebeu o nome de Frei Feliciano na tomada do hábito, em 26 de janeiro de 1928.

Partiu em seguida para o curso de Filosofia em Curitiba, PR e, posteriormente para Petrópolis, RJ, onde cursou Teologia e fez sua profissão religiosa em 28 de janeiro de 1932 e recebeu a ordenação sacerdotal em 18 de dezembro de 1933.

Iniciando sua vida presbiteral, exerceu suas funções como vice-mestre do Noviciado em Rodeio, depois nomeado organista de Santo Antônio do Pari, SP. Porém, foi no Chile, onde esteve por 17 anos que recebeu o apelido de "Frei Pastilha».

Chegando a Blumenau, em 1982, nomeado vigário paroquial da Paróquia São Paulo Apóstolo, tem-se dedicado com ardor incansável ao seu ministério sacerdotal, principalmente pelo sacramento da penitência e aconselhamentos

de modo geral e no atendimento aos doentes dos hospitais Santo Antônio e Santa Catarina. Justamente em Blumenau seu apelido foi trocado para "Frei Bombom" (que aprecia enormemente) e lhe faz jus, pois que anda com seus bolsos cheios de balas para distribuir as pessoas que encontra em suas atividades pastorais, principalmente as crianças. De modo semelhante, empunhando sua máquina fotográfica, faz dela um verdadeiro instrumento pastoral-religioso: bate fotografias de pessoas que encontra nas ruas, nos hospitais, das que lhe oferecem carona. As vezes, "bater sem filme é mais barato» me confidenciou numa demonstração de bom humor à toda prova. Depois, reconhece com incrível facilidade as pessoas que fotografou e quando as encontra novamente, exerce a gentileza de presenteá-las com as fotos. Quando está cansado e, por vezes atrasado, pede carona aos motoristas mais atenciosos e bondosos que, prontamente, não lhe negam essa amabilidade.

Frei Feliciano estima muito o hábito que traja e diz que esse costume o acompanhará sempre, quer seja no verão ou inverno. Costuma também fazer suas anotações pastorais com uma invejável lucidez: número de missas que já celebrou, confissões que atendeu e outras peculiaridades próprias de um sacerdote devoto. Quem o conhece mais profundamente sabe também de seus gostos pessoais, de seus hábitos, de sua maneira de pensar, olhar a realidade e o mundo.

Nesse sentido, quando fala sobre a vida costuma lembrar que a felicidade não está em viver na terra para sempre. Afirma que não existe vida sem problemas e

que o nosso futuro será o de termos vida em plenitude, vida de Deus em nós, vida para sempre.

Frei Bombom possui uma resposta sempre sábia para dar, um conselho amigo para repartir, uma experiência para ilustrar. Já conheceu muitos lugares e muitas pessoas, já passou por muitas situações nas quais a vida lhe deu uma verdadeira sabedoria. Mas, em muitos se cala e seu silêncio fala mais alto e toca mais fundo no coração. Mas, em todos os momentos não perde o bom humor e a esportividade de alguém que já viveu tantos anos. Sobre o segredo de sua jovialidade confessou: "não tenho sogra» e sobre um momento de alegria experimental da brincadeira: "as crianças não choram e a mulher não reclama".

Quando lhe perguntei sobre um motivo de angústia acrescentou: "muitos perdem o sentido da vida e se perguntam: para que sofrer? É preciso que todos tenhamos compaixão. O povo sofre muito, é injustiçado e isso é motivo de angústia». Como fiel discípulo, Frei Feliciano conhece bem os ensinamentos do mestre e possui, por isso mesmo, profunda espiritualidade. Como filho de São Francisco, ama a natureza e as belas coisas deste mundo.

Possui também uma formação doutrinal segura e sobre o modo de viver hoje o catolicismo diz: "falta nos católicos mais convicção. Hoje, as crianças já não recebem em casa os fundamentos da fé e aos catequistas é impossível suprir todas essas deficiências que bem mereciam ter em casa. As seitas são, muitas vezes, mais atraentes". Quando lhe entregam nas ruas folhetos e publicações não católicas disse que as aceita.

Não as rejeita pois parecem ser também coisas boas. E, finaliza acrescentando: "É preciso amar a todos». Grandeza de alma!

Frei Feliciano sente-se muito valorizado como sacerdote, gosta também de atender as pessoas, ouvir seus problemas e angústias, acompanhar suas alegrias. E diz: "sem hábito, eu não seria o Frei Feliciano». As pessoas, de maneira geral, também o amam muito e pela sua simplicidade exerce uma verdadeira atração. Gosta de acompanhar os jovens casais e sobre a família manifesta-se dizendo que ela passa por dificuldades. "Casar é difícil. Falta muita consciência a respei-

to das responsabilidades no casamento. É preciso amar verdadeiramente de acordo com o juramento que fazem, fidelidade na alegria e na tristeza, na saúde e na doença". E costuma utilizar o simbolismo das mãos: se elas trabalham juntas devem também juntas rezar. É preciso trabalhar e também saber descansar.

Frei Bombom define sua vocação como escolha de Deus e reconhece que Deus o acompanha e lhe anima. Nestes 91 anos bem vividos e dedicados ao ministério sacerdotal em boa parte deles, este frade tornou-se em nossa cidade um grande exemplo.

CABORÉ

Hermes Justino Patrianova

O compromisso quinzeno,
Com Blumenau em Cadernos, ..
De escrever Tupi, mui leno,
Para os Arquivos Modernos,
Repletos de grandes Obras
De famosos Editores
Dos mais celebrados "Cobras"
E os do "JARDIM" Fundadores!

Transcrevemos, hoje, do nosso LIVRO INÉDITO "TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que epigrafa esta página.

"C A B O R É"

Coruja pequena, do Gênero *Glaucidium* (*Glaucidium brasilianum brasilianum*, Gmelin), de hábitos diurnos, a pesar de ser o pigmeu da Família, é caçadora valente; vive no Brasil, na Bolívia, na Colômbia, no Chile e no Equador; tem a Variedade *Glaucidium pumilum*, que vive no Estado do Pará e é também conhecida por *Caboré-do-Sol*. ORIGEM TUPI: CABORÉ. De

CAA = CÂ (Mato, Floresta, Mata) + BARÉ (Veja BORÉ = Flauta, trombeta indígena) = BORÉ DA MATA = O CANTO DA GORUJA CABORÉ COMPARADO AO DA FLAUTA INDÍGENA = BORÉ DA FLORESTA = FLAUTA DO MATO = CABORÉ.

Caburé é corruptela Portuguesa."

"CABORÉ — Gavião-caboré, ave da Família dos **Falconídeos** (*Micrastur ruficollis*, Vieillot); 35 centímetros de comprimento; plumagem de cor branco-acinzentada, peito pardo, ventre branco, mancha de preto; a fêmea é pardo-avermelhada; habita a mata; ocorre desde o Estado do Piauí até ao do Rio Grande do Sul (Brasil) e na Argentina e Paraguai; também chamado Gavião-caboré e Gavião-mateiro.

ORIGEM TUPI: CABORÉ. De CAA = CÂ' (Floresta, mata, mato) + BORÉ (Flauta, corneta, trombeta) = TROMBETA DA MATA = FLAUTA DA FLORESTA = (NOME TAMBÉM DADO A UMA VARIEDADE DE CORUJA) = GAVIÃO-CABORÉ = GAVIÃO-MATEIRO = CABORÉ.

Caburé é corruptela Portuguesa."

Dia 1º. — O prefeito Victor Fernando Sasse reassume suas funções à frente do Executivo Municipal, após haver desfrutado de merecidas férias. — Mais um violento temporal se abateu sobre Blumenau, a exemplo do que vinha acontecendo nos últimos dias. Os municípios vizinhos também são castigados. As chuvas deste dia interromperam o trânsito a várias casas ficaram ameaçadas de desabamento. O bairro mais atingido foi o do Garcia, aonde houve entupimento de canalizações pluviais com sérias inundações de numerosas casas. Várias famílias ficaram desabrigadas.

— DIA 3 — O prefeito Victor Fernando Sasse esteve vistoriando as áreas mais atingidas pelas últimas intempéris em diversas regiões do município, chegando à conclusão de prejuízos aproximados de dois milhões e meio de cruzeiros. Enquanto isso, a Defesa Civil contabilizou 44 desabrigados, desabamento de duas casas e mais 25 ameaçadas de ruir.

— DIA 5 — A imprensa local (JSC) informa que a aparição continua de escorpiões, que vem ocorrendo desde o mês de setembro passado, vem preocupando os moradores da rua Johann Ohf, no bairro Água Verde. Diz ainda que várias famílias residentes naquela rua já encontraram esses animais dentro de casa ou nos arredores. — Nesta madrugada uma barreira caiu, atingindo a residência de Pedro Paulo de Souza, na rua União da Vitória, Vila Iná. A terra que deslizou atingiu a metade da parede da casa, assustando os moradores.

DIA 11 — O registro de 200 casos de cólera na Argentina, mobilizou as autoridades sanitárias de Blumenau, onde a presença de turistas daquele país é ascentuada.

— A imprensa noticia com destaque a conquista, pelo jovem piloto James José Ramos, de 12 anos, do título de campeão brasileiro de kart, na categoria júnior, o último que lhe faltava, pois o piloto mirim é tetra campeão de Sta. Catarina.

Dia 13 — A imprensa noticia com pesar o fechamento, em Blumenau, à rua Itajaí, da sucursal da Rede Manchete, que era dirigida por Renato Meireles. A Polícia de Blumenau prendeu uma quadrilha composta por quatro elementos, acusados de assalto e várias residências no bairro Fortaleza. Foram apreendidos também vários eletrodomésticos, aparelhos de TV, toca-fitas, armas de fogo e outros objetos. Todos tiveram prisão preventiva decretada.

DIA 15 — Aconteceu a estréia do Grupo Arte e Expressão Dionysius, de Itajaí, no Teatro Carlos Gomes, com a peça "O Vôo dos Pássaros Selvagens", e que foi reapresentada no dia seguinte.

— DIA 20 — Foram iniciadas as aulas na rede municipal de ensino de Blumenau. Já com o início das aulas, a maioria das escolas da rede ainda estavam aceitando matrículas de novos alunos. Segundo informações prestadas pela Secretaria de Educação, este ano a procura por escolas municipais cresceu 10% em relação a 1991.

— DIA 21 — Com a presença de grande público, foi lançado, pela Brahma, tendo por local o Biergarten, o chopp escuro em Blumenau. O acontecimento foi muito bem recebido pelos que apreciam aquela bebida, agora em sua forma escura, produzida com malte especial.

— DIA 24 — A rede estadual de ensino iniciou suas atividades em 1992, abrindo suas salas de aulas em todo o Estado, para receber cerca de 22 mil alunos somente no município de Blumenau. Na região do Vale o índice atinge 41 mil alunos, com 3.300 professores em 70 escolas. — Na localidade de Barracão, município de Gaspar, desabou violento temporal, com fortes ventos e chuvas de granizo, que causou sérios estragos. O temporal, que durou cerca de uma hora, destruiu casas, árvores e matou animais. Felizmente não houve vítimas humanas a lamentar.

W O C H E N P O S T

Um dos jornais mais importantes — editado em Berlim — e que sobreviveu a recente unificação dos dois estados alemães (RFA e RDA) é o semanário WOCHENPOST — um jornal para a política, a cultura, a economia e o lazer.

Com a substituição do seu ex-Chefe de Redação (“OSSO” = oriental) pelo atual Chefe de Redação, o renomado jornalista Mathias Greffrath (“WESSI” = ocidental), o semanário apresenta-se hoje com mais de 40 páginas, em papel de melhor qualidade e mudando a cor de sua primeira página de verde para o azul.

O senhor Gerhard Desombre, jornalista para assuntos do exterior, já esteve por duas vezes no Brasil, publicando na WOCHENPOST uma série de 13 páginas sobre o nosso país, das quais duas páginas dedicadas à nossa Blumenau.

Deve-se ao senhor Desombre, que a Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller, recebe atualmente 2 exemplares da WOCHENPOST (um por via aérea e um por via comum), entregues por intermédio do sr. Alfredo Wilhelm.

O prefeito prof. Victor Fernando Sasse acaba de receber uma correspondência do jornalista Desombre — que na edição da WOCHENPOST N.º. 4, deste ano, publicou um extenso artigo sobre a sua recente viagem à China de hoje — anunciando sua provável visita à Blumenau, ainda para este ano.

Alfredo Wilhelm

«PLÍNIO SALGADO

Quando o chefe do Integralismo do Brasil, esteve em Blumenau em setembro do ano passado e mais tarde descreveu suas impressões no «A Offensiva», ele escreveu o seguinte: «Aqui se sente que o Integralismo significa uma aurora, um restabelecimento da pátria, que é um desfilar de espíritos sadios e a franqueza da juventude.» Naquele tempo a fila dos «camisas verdes» que o chefe nacional teve que cumprimentar ainda era muito pequena e o desejo de Plínio Salgado de que na sua próxima visita pudesse cumprimentar uma fila de mais de mil, ainda estava longe de se realizar e da realidade. Quando Plínio Salgado desfilar amanhã pela frente, o blumenauense integralista poderá orgulhar-se das legiões que cumprimentarão seu chefe supremo. O desejo de Plínio Salgado se concretizou por muitas vezes. Hoje milhares estão sob a bandeira do Sigma e milhares em tantas oportunidades renovaram seu juramento de fidelidade ao seu chefe e seu ensinamento. Quando Plínio Salgado amanhã passar em revista dos combatentes por um Brasil novo e liberto, deve com coincidência enfrentar o difícil compromisso de que Blumenau será uma coluna de granito no edifício do estado integralista na qual futuramente todas as tempestades do tempo passarão por ela sem deixar vestígio

Amanhã Plínio Salgado dirigirá sua palavra ao povo de Blumenau pela segunda vez. É inesquecível a primeira noite que Plínio Salgado chamou de indescritível. A mensagem que o chefe dirigirá amanhã aos blumenauenses deverá dar um novo impulso ao movimento integralista em nossas fronteiras e muito além delas. Milhares estão em marcha, para ouvir esta mensagem e milhares levarão suas palavras aos mais distantes ranchos da civilização. A mensagem de Plínio Salgado será como o evangelho de um novo tempo, pois muita coisa grande o chefe realizou neste ano, sobre que pode prestar conta no II Congresso Integralista, que se realizou em Petrópolis. A construção da organização interna do movimento, suas instituições culturais e político-sociais, sua adaptação e legalidade obtida pela criação da lei de segurança e o combate à campanha de difamação dirigida contra o integralismo, tudo isto exigiu um enorme esforço. A incansável e cautelosa direção do movimento merece amanhã o agradecimento dos «camisas verdes». O movimento integralista de Blumenau mostrará este agradecimento amanhã com um novo voto de inquebrantável fidelidade ao chefe e doutrina. O caminho pisado continuará a ser seguido, o trabalho na obra de reconstrução será mais alegre, quando os participantes amanhã regressarão para casa: Nós ouvimos e vimos o nosso chefe.

O «Blumenauer Zeitung» cumprimenta o chefe do movimento em nome de seus leitores integralistas e expressa a Plínio Salgado, votos de feliz permanência entre nós, mesmo que seja por poucas horas.»

Conhecendo a nossa história

P. Dr. Henrique Krause

(Transcrito do jornal «O Caminho», da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana — Outubro/ 1991)

A ORIGEM DA COMUNIDADE DE BRUEDERTAL

Nesta edição gostaria de falar do surgimento da Comunidade de Bruedertal localizada no município de Schroeder e filiada à Paróquia de Guaramirim. Por que a comunidade ou a localidade se chama de «Bruedertal», ou seja, «Vale dos Irmãos»?

Nos anos 70 do século passado várias famílias católicas haviam emigrado da Boêmia (Tchecoslováquia) para a Rússia. Como lá não receberam assistência espiritual por parte da Igreja Católica eles se tornaram evangélicos, passando a se ligar à «comunidade dos Irmãos» (Bruedergemeinde) de Herrnhut. A «Bruedergemeinde» de Herrnhut, advinda do nome da cidade de Herrnhut na antiga Alemanha Oriental, é uma pequena igreja evangélica livre que se formou a partir do pietismo e dos assim chamados «irmãos da Boêmia».

Em 1886 quase a comunidade toda resolveu emigrar da região de Wolhynia, na Ucrânia, juntamente com o seu pregador Wilhelm Lange, para o Brasil pela sua situação econômica e, principalmente, como consta, por o governo russo lhe negar a liberdade religiosa. Em condições muito precárias e praticamente sem meios de subsistência tiveram que deixar a Rússia. As suas propriedades não puderam vender e sequer ceder a parentes.

Sob a liderança do pastor Lange cerca de 20 famílias teuto-rus-

sas chegaram a 29 de junho de 1886 em Joinville e ainda no mesmo ano fundaram uma «Comunidade de Irmãos» (Bruedergemeinde) em Bruedertal, local que assim foi denominado em homenagem à procedência religiosa destes seus primeiros imigrantes.

A Comunidade de Herrnhut havia assumido todas as despesas de viagem e, inclusive, dado ao pastor Lange uma boa quantia de dinheiro com a qual ele deveria adquirir as terras para essas 20 famílias de emigrantes. Queria-se, com isto, assegurar a existência de uma «Comunidade dos Irmãos de Herrnhut» aqui no Brasil nos moldes da forma rígida de sua organização original. No início eles celebravam cultos duas vezes por domingo e algumas vezes durante a semana e, além disso, também realizavam encontros de oração e «ceias do amor».

«Mas, em breve tempo, se mostrou que uma «Bruedergemeinde» com sua disciplina eclesiástica rígida não poderia persistir por muito tempo num Brasil livre», escreve um posterior pastor da comunidade, Konrad Roesel. Este foi, certamente, um caso específico dentro da história da formação de nossas comunidades. Foi uma tentativa de um grupo minoritário de se organizar, aqui no Brasil, dentro dos moldes de sua comunidade de

origem, mas que não deu certo.

Sabe-se que as relações internas bem como as da comunidade com o pastor e o pastor c/ a comunidade nem sempre foram tão fraternas como sugeria o nome. Conta Roesel que o pastor Lange chegava a dissolver a comunidade por questão de dança num casamento, bem como «em nome da disciplina eclesiástica» trancara por meses as portas da igreja e escola. Devido a isto e outras dificuldades dentro da comunidade, a «Comunidade dos Irmãos Herrnhut» desfez em 1836 a sua ligação com a comunidade de Bruedertal e em 1897, com a transferência de

Lange para Brusque, a comunidade como tal se dissolveu.

Os moradores de Bruedertal reorganizaram-se, então, como comunidade evangélica. Os seus bens imóveis e a casa pastoral foram cedidos por Herrnhut à conferência pastoral do distrito evangélico de Blumenau, porém, sob as condições de que se criasse em Bruedertal um orfanato e um asilo para idosos. Este plano, porém, não chegou a ser executado. Apesar desta história conflitiva, que depois continuou, a comunidade não deixou de existir. Da «Brue-dergemeinde» ficou até hoje o nome de Bruedertal.

3ª. ADENDA À FAMÍLIA ARZÃO

Antônio Roberto Nascimento

As dúvidas que tínhamos sobre João Dias de Arzão, o sesmeiro da foz do Rio Itajaí (v. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIII, n.º 3, março de 1992, pp. 96 e ss.), ficaram dissipadas de modo definitivo pela leitura da monumental obra de L. G. DA SILVA LEME (Genealogia Paulistana, Vol. 7, 1905, p. 325, Tit Arzam). Está lá, com todas as letras, que Suzanna Rodrigues de Arzam, filha de Cornélio de Arzam, o belga, e de Elvira Rodrigues, falecida em 1650, foi casada com Pedro Dias Botelho, filho de João Dias e de Leonor Botelho, com quem teve apenas três filhos: João, Cornélio e Maria Dias, esta falecida em 1692, em S. Paulo, casada com João Gomes Correia e com geração.

O primogênito João, portanto, só pode ser o João Dias de Arzão, aquinhoado com sesmaria na foz do Rio Itajaí, quando foi do povoamento definitivo da Vila de N. S.ª da Graça do Rio de São

Francisco do Sul, a cuja matriz passou a pertencer já nos setecentos, a filial da Capela de São João Batista de Itapocoróia, depois freguesia de N. S.ª da Penha de Itapocorói.

O padre dessa família, que se refugiou em Lages, à época da perseguição pombalina aos jesuítas, só pode ter sido o Padre Pedro de Arzam (Cf. SILVA LEME, ob. cit., p. 343) filho do Capitão-Mor Cornélio Rodrigues de Arzam e de Catarina Gomes Correia, uma vez que é o único clérigo de toda a família ali nomeada.

Um Manoel Marques Arzão, de Parnaíba (Cf. SILVA LEME, ob. cit., 1904, Vol. 4.º, p. 308), era filho de Manoel Marques de Carvalho e de Isabel Rodrigues de Miranda, tendo sido casado com Joana Garcia, de Taubaté, com quem teve a filha Maria do Nascimento, casada, em 1772, com José do Amaral Gurgel, irmão do 2.º Capitão-Mor de Lages Bento do Amaral Gurgel.

O SPITZKOPF

Esboçado por Rud. Hollenweger

Em Blumenau, encontra-se a maior elevação de terra do nosso município, o Spitzkopf, com 915 metros de altura. Pertencente à Serra do Itajaí, o maciço com Spitzkopf e outras montanhas não muito altas, é separado pelo Rio Garcia.

O Spitzkopf é o marco do Vale do Garcia. Os bugres, em suas andanças, usaram aquela ampla visão para observar o progresso da Colônia. É comprovado que a primeira escalada foi feita para servir de orientação aos caçadores de bugres que estavam sob a orientação do «velho senhor Deeke».

De 19-20 de julho de 1892, escalaram-no: Fritz Alfarth, professor; Hermann Gauche sênior; Otto Wehmuth, fiscal por muitos anos e o velho caçador de bugres Christian Imroth. Hoje, estes homens não vivem mais! Como está à minha frente o manuscrito que Alfarth escreveu, é preciso que se diga «arrastar» pois a rota de escalada, por falta de conhecimento, foi feita pelo lado rochoso. Pouco a pouco também uniram-se outros amigos da natureza, que igualmente tentaram a façanha, só que desta vez pelo «Goldbachtal». (Vale do riacho do ouro). Mas sempre continuava sendo uma escalada difícil. A picada levava por cima de altas elevações e por profundas grotas. Para as pessoas de mais idade, a montanha ficava vedada.

Em 17 de julho de 1927, foi fundado o «Clube do Spitzkopf», pelo senhor Rud. Hollenweger; Johann Iten; Otto Huber; Alfred Grossweiler e Paul Scheidemantel.

No mesmo ano, o autor destas linhas, abriu um picadão até o pico, e hoje existe a possibilidade de se chegar lá até montado numa mula. Já no ano seguinte, construiu-se uma casa abrigo do clube, 400 metros abaixo do cume e que tem acomodação para cerca de 50 pessoas. Mesas, bancos, fogão e beliches permitem a permanência ali por alguns dias. A 100 metros de distância se obtém água límpida de uma fonte que jorra de uma rocha.

Toda a região está prevista para se tornar uma «reserva florestal», e ali a caça é proibida. Pois é alegria para todos ver uma vez ou outra um dos poucos animais da floresta que dentro em pouco pertencerão ao passado. O pico da montanha, dentro em breve será confeccionado num mapa de alto relevo, para melhor orientação. A vista é maravilhosa, em todas as direções e principalmente depois de trovoadas. A olho nu se reconhece o mar, a Serra Geral, a Serra do Mar com todos seus terminais até o Morro do Funil. Maravilhosos nevoeiros agradam o visitante que, «acima das nuvens no azul do céu», pode tomar seu banho de sol, quando no inverno os vales estão cheios de névoa úmida ou mesmo geadas.

De janeiro a julho de 1932, a cabana foi visitada por mais de 300 pessoas. Na assembléia há pouco realizada, foi resolvida uma ampliação da mesma, para dar melhores condições, principalmente às senhoras. Sócios do clube estão livres de qualquer taxa, inclusive professores que, com suas escolas,

queiram visitar a montanha, o que muito podemos recomendar. Para não sócios, existe uma taxa mínima destinada à manutenção e aquisição de novos equipamentos.

Mas devemos aqui mais uma vez pedir que sigam as determinações para a cabana e não sejam danificados objetos de uso.

Mas é preferível que a juventude seja educada como amante da natureza, do que deixá-la entre-

que ao seu próprio destino, a perder seu tempo nos salões de baile. O canto dos alunos que de lá regressam, sempre confirma outra vez, que nossos esforços caíram em terra fértil. Quem quer auxiliar a este pequeno grupo que forma o clube, a ampliar esta pequena obra? A contribuição é mínima. Fonte: «Blumenauer Volkskalender» - 1933 (V 058 B658v) pg. 66. Tradução: Edith Sophia Eimer

O FUTEBOL HÁ 2000 ANOS

Um esporte moderno dos tempos antigos

Não se pode negar, que o primeiro jogo de futebol nasceu na Inglaterra, no ano de 1863 e foi exatamente em 26 de outubro, que se deu o primeiro "match" entre duas equipes britânicas. Desde então o futebol se tornou a luta esportiva mais popular da Europa.

Mas mesmo assim seria um engano acreditar, que foram os ingleses os inventores do jogo de futebol. Eles — por assim dizer — somente redescobriram este jogo esportivo. Soube-se, que por ocasião dum leilão — realizado numa conhecida loja de antiguidades — já existia um livro sobre o futebol editado em 1580.

Foi um italiano o escritor deste livro de mais de três séculos de idade, considerado o primeiro livro escrito sobre o jogo de futebol. — O nome do livro é "Ginoco del Calcio" — "Jogo do Bate-Bola" e foi impresso em Florença. As regras descritas neste livro se parecem — em suas linhas gerais — iguais às de hoje e de maneira que podemos imaginar, que esta modalidade esportiva já teve os seus adeptos no século 16.

Entretanto — se queremos acompanhar os primeiros conhecimentos sobre este esporte, devemos recuar ainda bastante mais na história. 2000 anos antes do primeiro encontro do futebol moderno pelas duas equipes britânicas, este esporte já era conhecido. — O sábio america-

no prof. Gills, que desde muitos anos estudava os velhos manuscritos chineses, chegou à conclusão, que os chineses, já há 2000 anos atrás, jogavam o futebol. O prof. Gills comprovou, que um imperador da Dinastia Tin, conhecido sob o cognome "O Amarelo" e que viveu há trezentos anos antes da época de transição — era um adepto entusiástico e promotor do jogo de futebol.

Trata-se do imperador Cheng Ti, que não só gostava do futebol, como arranjava grandes torneios de futebol, que aconteciam geralmente na época do Ano Novo chinês. — A equipe vencedora era homenageada pelo próprio imperador, recebendo grinaldas de flores, frutas, tecidos preciosos e taças de prata — provando que a idéia do jogo da "Copa" já era conhecida na China há 2000 anos.

Consta também dos manuscritos antigos, que esta paixão do Imperador Cheng Ti, de correr atrás duma bola, era indigna de um imperador.

Porém, nem a imperatriz e nem os "bonzos", conseguiram convencer o imperador de desistir deste seu divertimento.

(Publicado no jornal "Der Urwaldsbote", Blumenau — 25.2.1941 (Arquivo Histórico e traduzido do alemão por Alfredo Wilhelm, Blumenau).

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank Graf — Hans Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA